

A relação profissão e gênero, a sociedade e sua cultura¹

Marco PRAÇA²

Célia Regina Vieira de SOUZA-LEITE³

RESUMO: O presente trabalho buscou conhecer a existência da relação entre profissão e gênero, no sentido de entender se há relação pré-estabelecida pelos estudantes do ensino superior de uma universidade particular do interior do Estado de São Paulo. Ao buscar compreender as razões de tal associação, verifica-se uma característica forte em muitos depoimentos, sendo ela o fato do aluno entender que tal relação é fruto da concepção de uma sociedade patriarcal, que estabelece ou pré-determina alguns comportamentos como exclusivos de determinado gênero, ficando vedado ao outro gênero o desenvolvimento de certos hábitos. Ao se realizar esta dicotomia, a sociedade estabelece por consequência a relação das profissões que demandam comportamentos relacionados ao gênero masculino, ao exemplo da Administração, como profissão de homem, e as que sugerem a necessidade de comportamentos tidos socialmente como femininos, como, por exemplo, a Pedagogia a uma profissão para mulheres. Tal associação nunca é assumida pelo entrevistado, e sim atribuída ao outro ou a uma abstração, tais como “a sociedade” ou “a cultura”.

Palavras-chave: Profissão e Gênero. Gênero e Cultura. Ensino Superior.

ABSTRACT: The present study sought to verify the relationship between profession and gender, in order to understand if there is a pre-established relationship for undergraduate students at a private university in the interior of São Paulo States. In seeking to understand the reasons for this association, a strong characteristic can be seen in many testimonies, being that the student understands that this relationship is the fruit from patriarchal society conception, which establishes or pre-determines some behaviors as exclusive to a given gender and consequently forbidden to the another gender the development of the certain habits. When this dichotomy was realized, it was established a strict relationship between the professions that demand behaviors related to the masculine gender (e.g. Administration) as a profession of man, and those professions that suggest the feminine behaviors (e.g. Pedagogy) as a female profession. However, this association was never assumed by the interviewee, it was attributed to the other or to an abstraction, such as "society" or "culture".

Keywords: Profession and Gender. Gender and Culture. Higher education.

¹ Este artigo é uma ampliação do trabalho apresentado na Jornada do PPGE do Centro Universitário Moura Lacerda em Novembro de 2016.

² Mestre em educação escolar pelo Programa de Pós-Graduação em Educação-Mestrado do Centro Universitário Moura Lacerda. Coordenador e Docente do curso de Pedagogia da Uniesp-Sertãozinho/SP. E-mail: marco.praça@hotmail.com

³ Professora Pesquisadora do PPGE-Mestrado do Centro Universitário Moura Lacerda. E-mail: celiapsico@uol.com.br

Introdução

A relação entre gênero e profissão ainda nos dias de hoje mostra-se como importante assunto a ser abordado e analisado pela comunidade acadêmica.

Tal fenômeno, o da ligação de determinadas profissões e gêneros, parece nascer da aproximação dos comportamentos requeridos pela profissão ao conjunto de hábitos que é, ou deveria ser, segundo a sociedade, padrão do gênero. Hábitos de comando ou chefia parecem estar intimamente ligados ou atribuídos ao gênero masculino ficando vedado, portanto, tais comportamentos ao gênero feminino. No entanto, os cuidados para com o outro e questões educacionais parecem ser atividades atribuídas ao gênero feminino, ficando estas atividades, por sua vez, relacionadas quase que exclusivamente a este gênero, sendo estas ações impedidas ao gênero oposto, isto é, o masculino.

Para o desenvolvimento desse estudo, inicialmente, o pesquisador buscou aferir parcelas de matrículas a determinado gênero, quantificações e comparações de números matemáticos, tanto em âmbito regional como em cenário nacional, mostrando nesse ponto, um método quantitativo de pesquisa. Com efeito, o objetivo de conhecer a visão que o aluno tem de seu curso, sua futura profissão e a questão de gênero demandou uma pesquisa que buscou reunir bibliografia já debatida aos dados levantados, por meio de entrevistas semiestruturadas, o que traz ao presente texto contribuições de uma reunião de metodologias, tendo, no entanto, o caráter qualitativo de pesquisa mostrado-se majoritário.

A questão da especificidade de comportamento de cada gênero, que ainda configura-se relevante para a sociedade, foi fator importante nas análises deste trabalho, pois a relação profissão e gênero existe como fruto de uma questão cultural.

Diferenciação social, uma questão de gênero

Ao nos referirmos ao sexo, não há dúvida na diferenciação biológica dos corpos, sendo, portanto, o termo “sexo” uma “referência às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem corpos masculinos e femininos” (GIDDENS, 2012, p. 430). Contudo, ao observar o conceito de gênero, poderemos encontrar alguns pontos a serem

considerados. Quando Simone de Beauvoir nos afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, p. 13), ela nos indica que o gênero é uma construção sociocultural, que possui caminhos e formações próprios, sendo afetado por questões muito mais amplas que as diferenças morfológicas, e que é construído pelos valores e preferências individuais do sujeito, como também por sua interação com a sociedade que o circunda, “pois a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori” (LOURO, 1997, p. 23).

Sendo assim, o sociólogo Anthony Giddens (2012, p. 430) infere que gênero

diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres. O gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade, ele não é necessariamente um produto direto do sexo biológico do indivíduo.

A construção e distinção de gênero terá suas características individuais de acordo com cada sujeito e suas experiências, mas também estará sob a influência dos julgamentos, rótulos e convenções que a sociedade lhe impõe. Diferenças agudas entre a formação do homem e da mulher transbordam na questão profissional, conforme relatado em linhas anteriores, e ganha agora o limiar da questão da existência propriamente dita.

Para a sociedade dos nossos dias, a mulher ainda deverá possuir a passividade como traço de grande valorização social, sendo esta característica, algo socialmente imposto e não um traço genético ou biológico. Constrói-se através da valorização, ou do seu contrário, a ideia de que a mulher deve ser passiva, dócil e obediente. Este perfil, segundo Beauvoir (1949), lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. Esta submissão social certamente acompanhará suas escolhas profissionais, e terminará por construir seu gênero e história de vida.

O homem possuirá construção de identidade totalmente inversa à da mulher. Terá ele livre existência no mundo em que, através de brigas, imposições, lutas, correrias, subidas em árvores, enfim, exercitará seu modo de imposição de qualquer assunto, treinando suas funções na sociedade que serão as de liderar, construir, conquistar.

Através de jogos, esportes, lutas, desafios, provas, encontram emprego equilibrado para suas forças; ao mesmo tempo conhece as lições severas da violência; aprende a receber pancadas, a desdenhar a dor, a

recusar as lágrimas da primeira infância. Empreende, inventa, ousa.
(BEAUVOIR, 1949, p. 26).

Dessa forma, as separações e padronizações iniciam-se na tenra idade e são repetidas em idades posteriores, quando se faz necessária a escolha das profissões.

Esta construção distinta de gênero terá por consequência a formação social de identidades diferenciadas e, portanto, a busca de um curso superior sob a perspectiva do desempenho de uma profissão, ficará sujeita às condições que a sociedade e a cultura irão permitir, ou não, ao sujeito que ali se coloca como parte integrante desta engrenagem. Esse jogo de permissão e proibição ou de prestígio e desprestígio de determinada ação em relação ao sujeito que a pratica, está fundamentado na questão social do gênero, dado que “é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros” (LOURO, 1997, p. 22). Sendo assim, essa questão sempre será colocada no campo social,

[...] pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p. 22).

As relações e designações das profissões ou demais atividades do tecido social, apresentam-se em desequilíbrio quando observadas as diferenciações por gênero, ficando atividades de liderança e destaque para os homens e atividades secundárias, preferencialmente relacionadas à docilidade e obediência e de menor importância, como características das mulheres. Tal cenário se mostra nos dias de hoje, contudo trata-se de um modelo estabelecido desde sempre.

Estas separações influenciam diretamente na escolha das profissões, o que reflete imediatamente em grande variação de quantidade de homens e mulheres nas salas de aula de determinados cursos superiores. Nas profissões caracterizadas como profissões de homens, na maioria das vezes, dá-se grande presença masculina nos cursos universitários, e nas profissões designadas socialmente como profissões de mulheres, em muitas oportunidades, ocorre o inverso, isto é, a presença maciça de mulheres em contraponto a minoria de homens.

Isto se dá por questões sociológicas, as quais iremos discutir suscitadas pelos dados levantados na pesquisa de campo; no entanto, a história da relação entre os gêneros na educação também contribui para entendermos tal situação.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 1997, p. 41).

Essas relações de poder são pré-concebidas inicialmente através da caracterização ou rotulação de comportamentos. Esses padrões de comportamentos do gênero masculino e do gênero feminino dão-se por questões culturais e se iniciam na mais tenra idade. Ao alcançar o ambiente escolar, local em que se imaginaria que tal situação desse lugar à busca de uma equidade de gêneros, os programas escolares parecem reforçar tais tendências de dicotomia, em que “os currículos e programas distinguem conhecimentos e habilidades adequadas para eles ou elas” (LOURO, 1997, p100). Esses padrões de comportamento, corroborados por um costume cultural, irão acompanhar toda a trajetória de vida do sujeito, separando os gêneros de acordo com o tipo esperado de conduta.

O casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se justificar a elas. (LOURO, 1997, p. 100)

Uma das profissões que mais se assemelha aos trabalhos de casa e de mãe será a Pedagogia, e isso talvez explique a profunda relação entre Pedagogia e o gênero feminino, sendo esta profissão praticamente cerceada ao sujeito de gênero masculino.

Essa diferenciação social de gêneros certamente ocasionará uma distinção de escolhas das profissões, dado que a tendência do sujeito será obedecer aos padrões estipulados pela sociedade e pela cultura estabelecida.

A constituição do sujeito e sua escolha profissional

Uma questão importante a ser observada ao analisar as informações e impressões que o estudante de graduação possui da sua profissão será como esse indivíduo se percebe, ou como ele se formou social e culturalmente falando. A constituição do sujeito, com toda sua carga de experiências e aporte cultural que ele traz consigo, até sua chegada ao curso superior, será de fundamental importância para que ele construa suas impressões acerca do tema pesquisado por este artigo, mas também por qualquer outro assunto que ocorra em sua rotina.

Buscar conhecimento será uma das formas fundamentais de construção do sujeito, pois toda sua identidade será elaborada através do acúmulo de experiências. Ao matricular-se em um curso superior, o indivíduo estará vislumbrando a possibilidade de ganhar capacidades, que serão ferramentas importantes para a composição de um sujeito mais elaborado, crítico e completo.

Atuar de maneira mais ampla em seu campo social e profissional será o objetivo deste aluno, que se constrói ao buscar conhecimento e enquanto isso, também é afetado pela cultura da sociedade em que está inserido. A capacidade de trânsito entre os assuntos e diferentes ambientes que compõe a realidade do sujeito se fará mais fácil ou mesmo possível se, ao acumular conhecimento, este aluno buscar também, através deste conhecimento e, portanto, da consciência, ganhar a capacidade de autonomia.

Uma vez autônomo, o indivíduo será livre e terá mais plenamente condições de participar da sua sociedade ou mundo profissional. A consciência da realidade que o cerca poderá suscitar livre movimento dentro da sociedade, pois sem esta liberdade não haverá a possibilidade de ele existir como ator social, e dessa forma será o sujeito um objeto, um fômite, uma propriedade do outro. Esta relação de posse, ou de opressão, desconstruirá, ou ao menos impedirá a formação, do sujeito, dado que sem liberdade, sem autonomia e sem ação social, ele não será sujeito, não será cidadão, logo sequer conhece o seu “posto no cosmos” (FREIRE, 2010, p. 31).

A descrição desta relação feita por Paulo Freire em sua Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 2010) e as caracterizações ou rotulações dogmáticas que percebemos em observações da nossa sociedade, são evidências capazes de mostrar certo comportamento de alguns grupos que visam perpetuar tal relação, a de posse, a fim de manter sob jugo o outro grupo, mantendo dessa forma o controle da situação, esgueirando-se de qualquer modificação que o status quo possa ter. No presente

trabalho ficará evidente que as relações entre profissão e gênero são componentes de uma busca de controle social das profissões, mantendo-se assim a “dominação masculina” (BOURDIEU, 2014) da sociedade, ainda que estejamos em pleno século XXI.

A busca de um curso superior, com todas as suas perspectivas e expectativas poderá ter, diversas vertentes, contudo, aproximando-se de Paulo Freire, um objeto de busca de liberdade, restauração da humanidade e reconstrução do sujeito (FREIRE, 2010).

A perspectiva da conclusão de um curso superior poderá ser para o aluno a possibilidade de ganho de consciência no decorrer de sua formação, culminando em ganho de autonomia, e, portanto, liberdade e atuação social. Este contexto trata-se de algo de extrema importância, pois desta maneira estará este sujeito ganhando sua humanização, superando a situação de “não sujeito”.

Esta superação não pode dar-se, porém, em termos puramente idealistas. Se se faz indispensável aos oprimidos, para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de “mundo fechado” (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora (FREIRE, 2010, p. 39).

Entender ou ao menos perceber as relações existentes, socialmente designadas entre profissão e gênero, poderá ser o momento inicial da busca de consciência, possível entre outras formas, na conclusão de um curso superior. Portanto, a decisão e o ato de fazer um curso superior, são carregados de significado e expectativas para os estudantes dos nossos dias.

Ao observar o sujeito do século XXI, verificamos que sua identidade apresenta importantes diferenças quando comparada aos indivíduos de tempos atrás. A identidade social e profissional da pós-modernidade, mostra um sujeito fragmentado, isto é, segmentado conforme as demandas sociais e de mercado que assim exigem, sepultando as velhas identidades que até então estavam presentes em um sujeito unificado. Este quadro é

visto como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2014, p. 9).

Nesse novo tempo, desdobrar-se em outras capacidades se faz de grande utilidade na inserção no mundo do trabalho, e também na esfera do convívio social. Assim sendo, as atividades e profissões, anteriormente delineadas através de divisões convencionadas, são neste momento confundidas, formando partes de um mosaico social característico da pós-modernidade. Se anteriormente havia franca e clara delimitação de profissões, e, portanto, da busca de formação dessas profissões, agora dá-se certo desequilíbrio de padrão. Em muitos casos o que antes era profissão, atividade ou curso de homens, agora é frequentado por mulheres, ao exemplo do curso de Administração pesquisado por este trabalho; e a situação oposta também está presente, já que o que antes era relacionado como profissão, atividade ou curso de mulheres, agora também é frequentado por homens, ainda que em minoria. Estas inversões de paradigmas, suas características, impressões e consequências permeará as discussões suscitadas pela pesquisa deste trabalho, identificando que a imagem ou rotulação das associações gênero/profissão ainda persistem.

Mesmo com a tendência da pós-modernidade, que leva a identidade do sujeito a confundir-se mediante suas atuações e pensamentos, e com isso culmina também na mistura de funções e participações dos gêneros nas profissões, tal cenário não encerra a discussão. Ao observarmos Bourdieu, identificamos que existem “princípios de visão e divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino” (BOURDIEU, 2014, p. 49), em que cabe aos homens os trabalhos perigosos e espetaculares. Já às mulheres, ficam atribuídos trabalhos domésticos, monótonos, humildes, privados e escondidos, estando classificado entre eles o cuidado das crianças e dos animais (BOURDIEU, 2014).

Poderemos inferir através do conceito acima apresentado pelo autor, que a diferença de trabalho é perpetrada pela sociedade desde sua origem, e vem ecoar em nossos dias, rotulando e separando por convenções as profissões, cursos, práticas profissionais e culturais, realizando dessa maneira uma dicotomia social e pré-classificação de profissões e cursos, algo que podemos notar na presença de mais

homens em salas de aula de determinados cursos, ou maioria esmagadora de mulheres nas salas de aula de outros cursos.

Dessa forma, ao pensar a escola e as profissões que a circundam, tais como a Pedagogia e à docência em Letras, podemos perceber que socialmente a escola pode caracterizar-se pelo gênero feminino, dado que se mostra primordialmente como um lugar de atuação das mulheres, pois “a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas” (LOURO, 1997, p. 88).

Quando um homem se coloca sob a perspectiva da obtenção de um curso superior fortemente caracterizado pela marca do gênero feminino, como a Pedagogia, por exemplo, ele “com esta escolha, rompe com pressupostos sociais pré-definidos pelas construções de gênero que determinam este segmento ou espaço da escola como pertencentes ao gênero feminino” (SPARTACUS, 2010, p. 203), e certamente sua percepção ou visão deste curso superior deverá ser distinta da visão de uma mulher que está no mesmo curso. Esta perspectiva própria é contrária à visão da maioria das pessoas, pois está atrelada às percepções do público geral todo o conjunto de cursos superiores, e o entendimento que estes cursos possam suscitar em seus estudantes, separando-os em dois polos. Curso de mulher e curso de homem.

A sociedade ainda separa em fronteiras muito bem definidas, agrupando de um lado os comportamentos esperados de um indivíduo do gênero masculino, e do outro lado, os comportamentos esperados do indivíduo do gênero feminino e por esta separação, divide por efeito, as profissões que se adéquam a este ou aquele comportamento.

Contudo em nossos dias,

estudiosos e estudiosas pós-modernos sugerem a produtividade de se pensar de um outro modo, na base do ele, ou seja, admitindo que algo pode ser, ao mesmo tempo, isso e aquilo. Já se advinha por este comentário que apostamos na possibilidade de questionar o pensamento binário e oposicional com o qual estamos acostumados a lidar e nos lançamos para experimenta a pluralidade. (LOURO, 2004, p. 4).

Este contraponto colocado pela professora Louro (1997) encontra apoio na diretriz pós-moderna de Hall (2014), que nos pontua que as posições podem perfeitamente se inverterm, encerrando assim a imobilidade da identidade, fazendo

com que o sujeito pós-moderno se construa de maneira tal que ele faça desta construção um processo contínuo, e não algo estático e definido e, portanto, rotulado ou caracterizado definitivamente.

A sociedade e sua cultura determina a associação profissão-gênero

Para levantamento e organização dos dados, foram entrevistados estudantes do ensino superior de uma universidade particular do interior do estado de São Paulo, que está sediada em uma cidade com aproximadamente cento e vinte mil habitantes. Tal universidade oferece três cursos superiores, sendo eles, Pedagogia, Administração e Letras. As entrevistas se deram de forma semiestruturada e foram transcritas, a fim de se formar categorias que reunissem conceitos que possivelmente pudessem confluir na mesma direção. Para melhor entendimento dos dados suscitados pelas entrevistas e também proporcionar maior liberdade de exposição de ideias e pensamentos, os alunos não foram identificados, estando assim, apontados neste trabalho sob nomes fictícios.

Dessa maneira, uma das categorias apontou para o mérito da origem deste pensamento, o de “separação de profissões e sua associação ao respectivo gênero, à cultura de determinado grupo social”.

Os alunos entrevistados assumem-se tendo respectivo costume, o que indiretamente poderá indicá-los como tendo tal conceito, no entanto, em momento inicial, é atribuída a origem de tal relação à cultura, ou à sociedade.

A divisão sexual e de gênero do conhecimento e do trabalho, bem como todos esses fatores assinalados são continuamente ensinados e aprendidos no contexto das várias instituições e práticas sociais, informalmente e inconscientemente, desde a vivência familiar e, sobretudo, na escola, que prepara para o trabalho (CARVALHO, 1998, p. 4).

Um entrevistado, ao responder se achava que Pedagogia envolveria o sujeito diretamente em uma profissão de mulher, respondeu:

“Tanto homem quanto mulher. Eu acho que qualquer função, não tem essa, essa, essa afirmação né, que certas pessoas afirmam né, a sociedade também rotula muita coisa, né.”
(João).

Identifica-se, portanto, que o entrevistado se assume como não possuindo o conceito que relaciona e determina as profissões de acordo com as características de gênero, mas em suas respostas e especificamente nesta resposta apresentada, aponta na direção de que tal relação existe e que foi construída pela “sociedade” através de seu hábito (cultura) de rotular os indivíduos. Este hábito já foi relatado por Bourdieu (2014, p. 41):

É a custa, e ao final, de um extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em habitus claramente diferenciados conforme o princípio de divisão dominante e capazes de perceber o mundo segundo este princípio.

Em outro depoimento, outro entrevistado apresenta inclinação semelhante. Ao ser perguntado se ele entendia que as outras pessoas pensam que Pedagogia é curso de mulher, assim respondeu:

“Sim, isso é natural, é que nem eu falei, já vem da cultura, né, que eles acham que, tipo assim, crianças precisam assim de cuidado feminino, que a mãe deve educar ele, entendeu? Eles já têm isso dentro da casa deles, que quem educa é a mãe, o pai só vem e... ah, compõe as necessidades da casa, de alimentação, paga as contas e no papel fundamental de cuidar dessa criança e educar, vem a mãe. Então eles relacionam isso com a profissão, entendeu? Mas eu acho que hoje não existe isso não, educar vem dos dois.” (Flávio).

Neste depoimento, ficam claras duas questões que estão sendo analisadas neste artigo. Uma delas é a de que existe a relação entre profissão e gênero, e nesta resposta o entrevistado alarga sua análise, abrangendo também a ideia das funções sociais pré-estabelecidas aos gêneros, pela sociedade, em âmbito familiar. Conforme posiciona-se o entrevistado na resposta destacada acima, a educação ficará exclusivamente a cargo do gênero feminino, enquanto os assuntos relacionados a manutenção financeira da casa, como, por exemplo, a provisão de alimentos e pagamento de contas em geral, ficará à cargo do gênero masculino.

Em mais uma entrevista, uma aluna do curso de Pedagogia, quando questionada acerca das pessoas acreditarem que Pedagogia é assunto do gênero

feminino, ela aponta na direção de que tais conceitos existem, e que tais posicionamentos são fortemente colocados e cultivados pela sociedade, sendo, portanto, classificados pela entrevistada como tabus. Abaixo:

“Acredito que a sociedade tá cercada de vários tabus e esse é um que a gente precisa superar, com experiência, demonstrando que os homens são tão capazes de alfabetizar as crianças quanto as mulheres.” (Rita).

Os tabus ou dogmas são construídos pela sociedade, e mantidos através dos tempos por sua cultura.

As regularidades da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares inferiores (a parte baixa da estrada ou do talude), ensinando-lhes a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com os braços fechados sobre o peito, diante dos homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e, na colheita das azeitonas, são elas que as ajuntam no chão, com as crianças, enquanto os homens manejam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que parecem assim estar à base das diferenças sociais (BOURDIEU, 2014, p 42).

Ao analisarmos os/as entrevistados/as do curso de Administração, identificamos também aproximações ao mesmo conceito, isto é, o de que a sociedade e seus costumes, sua cultura, são responsáveis pela criação e manutenção da ideia de que determinadas profissões são assuntos do gênero feminino e outras do gênero masculino. Mesmo quando percebem mudanças do quadro, ou seja, quando querem relatar que nos dias de hoje as resistências sociais estão perdendo força, assumem que tal conceito ainda é presente no pensamento social dos nossos dias. Abaixo uma aluna do curso de Administração responde à pergunta de que se ela entende que as pessoas acreditam que Administração é um curso de homem:

“A maioria, né, a maioria ainda tem isso na cabeça, porque... é... faz muito pouco tempo que o povo tá acostumado de ver uma mulher no comando, uma mulher dando as ordens, uma mulher tomar posição.” (Daniela).

Neste ponto, verificamos que não apenas a profissão é relacionada ao gênero; neste caso, Administração ao gênero masculino, mas determinados comportamentos inerentes à quaisquer profissões são também diferenciados e divididos, ficando vedado ao outro gênero assumir tal postura. Quando assume, causa imediato estranhamento. Este aluno, ao falar de tal questão pontua que o quadro está mudando, no entanto ainda assim causa perplexidade ver uma mulher desempenhar a profissão de administradora, e ao fazer isso, causa ainda mais estranhamento quando esta mulher assume um comportamento diretamente ligado ao gênero masculino, neste caso, a postura de comando.

Assim sendo, é possível perceber que as profissões são associadas aos gêneros, através do comportamento que elas exigem que o profissional tenha em sua rotina de trabalho. Se tal profissão exige postura de comando, como no exemplo da Administração, ela é ligada ao gênero masculino, que possui inerente ao seu perfil, o comando. Mas se a profissão exigir delicadeza e calma em sua rotina de trabalho como no exemplo dos profissionais formados pelo curso de Pedagogia, então a profissão de professor/a será ligada ao gênero feminino, que possui tais atributos em sua imagem. A construção desta imagem e destas relações, segundo a maioria dos entrevistados deste trabalho, é de responsabilidade da sociedade e sua cultura.

Considerações finais

Esta relação, profissão e gênero, parece ainda existir com o intuito de manter em funcionamento uma engrenagem patriarcal de posições sociais, em que o gênero masculino mantém-se como parcela dominante de uma relação de opressão e comando, frente ao gênero feminino, que apesar de grandes progressos, ainda não conseguiu se distanciar das rotulações e caracterizações sociais impregnadas no pensamento popular, em especial dos estudantes.

Desta forma, verificamos que os/as alunos/as do gênero feminino e masculino, nas entrevistas desenvolvidas neste trabalho, observam que o padrão de comportamento classifica, orienta e determina quais profissões são de mulher e quais são de homem. Também fica claro que esta predeterminação embora dita como existente não é de responsabilidade do/a entrevistado/a, e sim da cultura e da sociedade em que as pessoas

estão inseridas, isto é, a relação existe, mas não é de responsabilidade de ninguém, e sim de uma abstração como por exemplo “a sociedade” ou “a cultura”, conforme colocado pelos entrevistados.

Assim sendo, em depoimentos apresentados e discutidos, os/as alunos/as entrevistados/as mostram que existem tais dicotomias, isto é, profissão “a” é de “homem” enquanto que profissão “b” é de “mulher”, sem, no entanto, se responsabilizarem pela criação e manutenção deste conceito. A responsabilidade, segundo eles, é da sociedade ou da cultura que esta sociedade mantém, fazendo dessa abstração uma tentativa de isenção de culpa.

Tais associações mostram-se enrijecidas quando olhadas de maneira superficial, contudo será importante entender que as relações de gênero, assim como todas as demais relações sociais são dinâmicas e estão permanentemente possibilitadas de análises, alterações ou mesmo desconstruções. O presente artigo apresenta-se como contributo para questionar a divisão binária e antagônica das relações entre profissão e gênero, entendendo que é perfeitamente possível as profissões serem invertidas ou mesmo não classificadas pela questão de gênero, sendo a aptidão, a competência ou mesmo a felicidade de quem desempenha alguma atividade profissional, elemento primordial para qualquer forma de classificação ou apontamento.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Volume II. São Paulo: Círculo do Livro, 1949.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes Masculinas numa Profissão Feminina. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 2, p. 406-424, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/download/12017/11303>>. Acesso em: 13 set. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6 ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2014

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever.... **Anais Anped Sul**, 5, 2004. Disponível em:
<http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2004/Painel/Painel/12_11_02_CONHECER,_PESQUISAR,_ESCREVER.pdf>. Acesso em: set. 2016.

SPARTACUS, Thomaz. Um homem! Pode um homem no magistério? Provocações e discussões acerca das identidades, masculinidades e da formação de professores homens para os Anos iniciais. In: FERRARI, Anderson. (Org.) **Sujeitos, Subjetividades e Educação**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010, p. 203-224.